

PERCEPÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR DE FILOSOFIA NO PROCESSO  
DA EXPERIÊNCIA FILOSÓFICA

*PERCEPCIONES SOBRE EL PAPEL DEL PROFESOR DE FILOSOFÍA EN EL  
PROCESO DE LA EXPERIENCIA FILOSÓFICA*

*PERCEPTIONS ABOUT THE ROLE OF THE PHILOSOPHY TEACHER IN THE  
PROCESS OF THE PHILOSOPHICAL EXPERIENCE*



Fábio Antônio GABRIEL<sup>1</sup>  
e-mail: fabioantoniogabriel@gmail.com



Ana Lúcia PEREIRA<sup>2</sup>  
e-mail: anabaccon@uepg.br

Como referenciar este artigo:

GABRIEL, F. A.; PEREIRA, A. L. Percepções sobre o papel do professor de filosofia no processo da experiência filosófica. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, e023037, 2023. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v18i00.16948>



| Submetido em: 09/07/2022  
| Revisões requeridas em: 20/02/2023  
| Aprovado em: 02/03/2023  
| Publicado em: 31/05/2023

**Editor:** Prof. Dr. José Luís Bizelli  
**Editor Adjunto Executivo:** Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Jacarezinho – PR – Brasil. Professor do Centro de Letras, Comunicação e Artes (UENP) e Professor de Filosofia na Rede Estadual do Paraná (SEED/PR).

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa – PR – Brasil. Professora Adjunta no Departamento de Matemática e Estatística e nos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Ensino de Ciências e Educação Matemática na UEPG.

**RESUMO:** Este artigo discute as percepções sobre o papel do professor de filosofia. Partiu-se da hipótese da relevância de um ensino de filosofia como experiência que possibilite aos estudantes relacionar os conceitos da filosofia ao seu cotidiano. A pesquisa foi de natureza qualitativa e os dados foram coletados em questionário realizado com 208 professores de filosofia do estado do Paraná. Para organização e análise dos dados, foram utilizados o software Atlas Ti e a análise de conteúdo de Bardin (2016). Contou-se com o referencial teórico de Deleuze e Guattari (2010), além de Mendes (2017) e Obiols (2002). Quatro categorias foram identificadas: criar conceitos; estimular o senso crítico; problematizar a existência; e propiciar uma experiência filosófica. No que concerne ao papel do professor de filosofia, os resultados indicam um ensino que supere a transmissão enciclopédica e caminhe no sentido de uma experiência filosófica, de filosofar a partir do cotidiano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Papel do professor de filosofia. Filosofia. Criação de conceitos. Experiência filosófica.

**RESUMEN:** Este artículo discute las percepciones sobre el papel del profesor de Filosofía. Se partió de la hipótesis de la relevancia de una enseñanza de Filosofía como experiencia que permita a los estudiantes relacionar los conceptos de la filosofía con su vida cotidiana. La investigación fue de naturaleza cualitativa y los datos fueron recolectados en un cuestionario realizado con 208 profesores de Filosofía del Estado de Paraná, Brasil. Para la organización y análisis de los datos, fueron utilizados el software Atlas Ti y el análisis de contenido de Bardin (2016). Se contó con el marco teórico de Deleuze y Guattari (2010), además de Mendes (2017) y Obiols (2002). Cuatro categorías fueron identificadas: crear conceptos; estimular el sentido crítico; problematizar la existencia; y proporcionar una experiencia filosófica. En cuanto al rol del profesor de filosofía, los resultados indican una enseñanza que supere la transmisión enciclopédica y camine hacia una experiencia filosófica, de filosofar a partir de lo cotidiano.

**PALABRAS CLAVE:** La función del profesor de filosofía. Filosofía. Creación de conceptos. Experiencia filosófica.

**ABSTRACT:** This paper discusses the perceptions about the role of the Philosophy teacher. It is based on the hypothesis of the relevance of teaching Philosophy as an experience that allows students to relate the concepts of Philosophy to their daily lives. The research was of a qualitative nature and the data were collected in a questionnaire carried out with 208 Philosophy teachers from the State of Paraná, Brazil. For data organization and analysis, the Atlas Ti software and Bardin's content analysis (2016) were used. It relied on the theoretical framework of Deleuze and Guattari (2010) and Mendes (2017) and Obiols (2002). Four categories were identified: creating concepts; stimulating critical thinking; problematizing existence; and providing a philosophical experience. Regarding the role of the Philosophy teacher, the results indicate a teaching that goes beyond the encyclopedic transmission and moves towards a philosophical experience, of philosophizing through everyday life.

**KEYWORDS:** The Role of the philosophy teacher. Philosophy. Concept creation. Philosophical experience.

## Introdução

A disciplina de filosofia sempre foi permeada por conflitos em torno da busca pela sua retirada dos currículos brasileiros, e ocasionou manifestações e movimentos contrários a essa ideia, tal como acontece com o recente movimento da reforma do Ensino Médio. Desse modo, esta pesquisa justifica-se pela preocupação em refletir sobre as percepções de professores em serviço sobre a especificidade da disciplina de filosofia e do filosofar. Nesse sentido, questionamos sobre o que transmitimos quando ensinamos filosofia. Seria ela um conhecimento desconexo da existência concreta das pessoas, ou poderia ser uma grande iluminação para o cotidiano dos indivíduos?

Partimos da hipótese de um ensino de filosofia como experiência filosófica, no sentido de que ela é uma disciplina teórica, mas relacionada ao cotidiano das pessoas, que, por sua vez, remete-se ao existencial. Entendemos, dessa forma, a relevância de uma compreensão de uma filosofia que supere o enciclopedismo, ou melhor, um conhecimento que não se limite a um memorizar sistemas filosóficos sem relacioná-los à existência concreta dos seus interlocutores.

Assim sendo, se a filosofia é vivenciada como experiência do filosofar, qual seria o papel do professor de filosofia? Partimos do pressuposto de que o professor de filosofia é aquele profissional cuja contribuição pode ser fundamental, no sentido de provocar uma desestabilização do senso comum em que estão imersos os alunos. Incitá-los a pensar sobre o mundo de forma crítica e emancipada constitui a “missão” do professor de filosofia.

Portanto, no presente artigo temos como objetivo identificar e analisar as percepções de professores de filosofia sobre o seu papel no ensino desta disciplina. Os dados foram coletados por meio de questionário realizado com 208 professores de filosofia do estado do Paraná. Como procedimento para organização e análise dos dados utilizamos o *software Atlas Ti* e a análise de conteúdo de Bardin (2016), que nos permitiu identificar quatro categorias, que nos respaldaram na confirmação ou não da nossa hipótese inicial.

Dito isso, como opção de organização do artigo, após essa breve introdução, apresentaremos a compreensão de Deleuze e Guattari (2010) sobre a filosofia como criação de conceitos. Na sequência, abordaremos os dados empíricos com as respectivas análises, e, então, apresentamos as nossas considerações finais, não com o intuito de considerar o presente trabalho definitivamente concluído, mas para que as reflexões aqui apresentadas possam reforçar a importância dessa disciplina para a formação de nossos jovens, bem como para fortalecer o debate em torno da sua existência e permanência em nossos currículos Brasil afora.

## O entendimento da filosofia como criação de conceitos, segundo Deleuze e Guattari

Dias-Santos (2020) afirma que a escolha por itinerários, conforme proposto pela reforma do Ensino Médio, é uma falácia, porque as instituições escolares não terão condições orçamentárias para ofertar e atender, principalmente, todas as demandas logísticas que a modalidade exigirá no processo formativo dos estudantes. Nessa perspectiva de incerteza sobre a perpetuação da disciplina na grade curricular, entendemos ser importante defender seu espaço e sua função problematizadora da existência. Assim sendo, na sequência, refletimos sobre a compreensão de Deleuze e Guattari (2010) em relação ao ensino de filosofia como criação conceitual.

Deleuze e Guattari (2010) definem a filosofia, na obra *O que é filosofia?*, como criação de conceitos e entendem que “[...] ler e pensar os filósofos não se reduz de modo algum a fazer trabalho de historiador” (MACHADO, 1990, p. 8); pelo contrário, ler os filósofos é uma atividade criadora e, nessa perspectiva, os filósofos recriam conceitos da história da filosofia (MACHADO, 1990). Na compreensão de Deleuze, “[...] o filósofo forma conceitos que nem são eternos nem históricos, mas intempestivos e inatuais” (MACHADO, 1990, p. 13). Dessa forma, podemos entender o posicionamento de Deleuze como não comprometido com um conhecimento dogmático e doutrinário, mas, sim, com a compreensão da filosofia como criação de conceitos. Para Deleuze e Guattari:

O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar conceitos ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em *criar* conceitos. O amigo seria o amigo de suas próprias criações? Ou então é o ato do conceito que remete à potência do amigo, na unidade do criador e de seu duplo? Criar conceitos sempre novos é o objeto da filosofia. É porque o conceito deve ser criado que ele remete ao filósofo como àquele que o tem em potência, ou que tem sua potência e sua competência (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 11, grifo dos autores).

Os autores também demarcam o que não é a filosofia: nem contemplação, nem reflexão, nem comunicação. Nesse sentido, para os autores: “A filosofia não contempla, não reflete, não comunica, se bem que ela tenha de criar conceitos para estas ações ou paixões” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 13). Nessa perspectiva, todo conceito remete a uma singularidade e, assim, a filosofia não pode ser considerada reflexão porque, para refletir, as pessoas não necessariamente precisam da filosofia. Os autores também desconsideram que a filosofia tenha uma proeminência no ramo dos saberes, conforme anunciaram vários filósofos ao longo da

história da filosofia. Mostafa e Cruz (2009) auxiliam-nos a pensar a relevância da compreensão da ideia de conceito filosófico nos seguintes termos:

Os conceitos filosóficos para Deleuze e Guattari não são ideias que seguem regras sistemáticas de organização. Os conceitos, nesse plano de pensamento, são como intensidades incorporais, ordenadas intensivas que dizem do acontecimento, não do estado das coisas. Os conceitos acomodam-se por vizinhança, por zonas de proximidade e indiscernibilidade, em um plano de imanência, tendo, portanto, uma exoconsistência em um planômetro/ em vez de qualquer sistematização possível com regras estabelecidas. Conceitos que, da mesma forma, apresentam consistência interna em relação aos seus componentes que, mesmo sendo heterogêneos, não podem ser separados (endoconsistência) (MOSTAFA; CRUZ, 2009, p. 15).

Os filósofos também afirmam que não existe conceito filosófico que não remeta a um problema filosófico. Não existe, por conseguinte, o exercício do filosofar se não for movido por uma problematização filosófica. Deleuze e Guattari (2010) defendem que os conceitos são inseridos a partir de um plano de imanência. Assim, “[...] pensar suscita a indiferença geral. E, todavia, não é falso dizer que é um exercício perigoso” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 52).

Realizadas essas considerações iniciais sobre o filosofar na perspectiva de criação de conceitos, na próxima seção abordamos sobre o que ensinamos quando transmitimos conhecimentos filosóficos. Como ponto inicial de reflexão, podemos perguntar: realmente é possível uma transmissão da filosofia, ou é possível apenas sensibilizar os estudantes de filosofia para uma experiência filosófica?

### **O papel do professor no ensino de filosofia como experiência filosófica**

Partimos da compreensão de Cerletti (2009), do ensino de filosofia como um problema filosófico. Podemos entender que a própria compreensão desse saber acaba por demarcar uma compreensão sobre o ensino da disciplina em referência. A questão da transmissibilidade da filosofia também é algo relevante para o processo de ensino-aprendizagem filosófico. Será que podemos transmitir os saberes dessa disciplina como quem transmite conhecimentos meramente históricos? Será que um ensino dessa disciplina meramente descritivo de sistemas filosóficos garante uma assimilação dela de maneira plena?

Entendemos a relevância de problematizarmos a questão filosófica sobre o ensino de filosofia. Cerletti (2009, p. 63) defende que a necessidade de “[...] converter a questão ‘ensinar filosofia’ em um problema filosófico modifica também a sequência tradicional da didática da filosofia, que privilegia o ‘como’ ensinar, para colocar, então, em primeiro lugar, a análise do

‘que’ ensinar’”. Partimos do pressuposto da compreensão da aula de filosofia como laboratório do pensamento e como uma experiência filosófica. Gabriel (2022) apresenta-nos a relevância de que, no Ensino Médio, o ensino de filosofia provoque os estudantes a não apenas memorizarem sistemas filosóficos, mas que faça com que os estudantes se apropriem dos conceitos filosóficos para sua existência. Dessa forma, acreditamos que é um desafio para um professor de filosofia mediar uma experiência filosófica no Ensino Médio, porque, por vezes, os alunos consideram a filosofia como algo abstrato e sem nada a ver com a realidade. Todavia, acreditamos também, que se o professor, na sua formação na licenciatura, vivenciou um ensino de filosofia como experiência filosófica, ele terá mais condições de contribuir com os seus alunos para propiciar uma experiência do pensar por conceitos, relacionando as teorias filosóficas ao seu cotidiano. Cerletti (2009, p. 81) coloca-nos o desafio do ensinar filosofia na perspectiva de uma experiência filosófica com os seguintes dizeres:

Ainda que se possam fazer muitas coisas para que se filosofe em uma aula (ou se estabeleça um diálogo filosófico) nada o garante. Filosofar depende, em última instância, de uma decisão subjetiva, e não apenas em relação ao *querer ser filósofo*, mas porque supõe colocar em ato um pensamento e isto implica a novidade de quem o tenta. Não há planejamento de aula que possa dar conta da irrupção do pensamento do outro. Esse traço do ensino de filosofia não deve ser tomado como uma debilidade pedagógica, mas, pelo contrário, como uma fortaleza filosófica, já que constitui o momento em que, a partir da emergência de algo diferente, pode-se quebrar a repetição do mesmo (CERLETTI, 2009, p. 81, grifo do autor).

A partir dessa problematização filosófica, podemos entender a relevância do papel provocador que exerce o professor de filosofia, que é convidado a despertar o filósofo que existe dentro de cada aluno. Em tempos de massificação do pensamento, contribuir para que cada estudante de filosofia se torne sujeito autônomo, que aprenda a pensar a partir de si mesmo, de modo a superar qualquer espécie de heteronomia, é um desafio nas circunstâncias atuais. Em períodos em que as *Fake News* e as pseudociências vêm ocupando cada vez mais espaços nas redes sociais, a filosofia pode contribuir diretamente com a vivência dos alunos, auxiliando-os a refletirem sobre a importância de questionar as notícias que são facilmente disseminadas para, então, disporem de um espírito crítico capaz de discernir o que é verdadeiro e o que é falso, bem como para que tenham condições de verificar a fidedignidade das informações, principalmente antes de compartilhá-las.

Todas as disciplinas são tão importantes quanto a filosofia, mas destacamos a especificidade desta em questão, que consiste em contribuir para que as pessoas exercitem seu pensamento crítico. A filosofia aguça a capacidade de desestabilizar as crenças, não no sentido



de desvalorizar a dimensão das crenças em nossa existência, mas no que trata de contribuir para que as pessoas se permitam duvidar das próprias convicções. Já dizia um filósofo alemão que as convicções são prisões. E talvez o grande mérito da filosofia e sua contribuição dentro do quadro de disciplinas do Ensino Médio e em outros níveis do saber seja provocar a desestabilização das crenças e dos valores que estejam cristalizados. Nesse sentido, Cerletti (2009) alerta-nos que:

Os professores de filosofia ocupam o difícil lugar de transmissão, da provocação e do convite. Transmitem saberes, mas provocando o pensamento e convidando a pensar. Difundem certos conhecimentos, mas promovem sua apropriação pessoal. Tentam mostrar, em definitivo, que sobre toda repetição é imprescindível que o filósofo sobrevoe o terreno dos saberes aceitos fixando o olhar agudo em cada um de eles, para interrogá-los e interrogar-se. Nisso radica sua *atitude* (CERLETTI, 2009, p. 39, grifo do autor).

Ser professor de filosofia consiste no exercício de mediar uma provocação ao pensamento dos alunos, a fim de propiciar uma reflexão sobre o próprio sentido da vida. Vivemos um período de massificação em que os meios de comunicação tendem a reduzir a capacidade crítica da população, por isso parece-nos oportuno que a filosofia contribua com uma reflexão crítica sobre o cotidiano. Obiols (2002) afirma que, para que um ensino de filosofia provocador do pensamento seja concretizado, faz-se mister que os professores superem a visão dicotômica entre história da filosofia e filosofar. Para o referido autor, a história da filosofia e o filosofar são faces de uma mesma moeda. Assim, não há dicotomia entre a história da filosofia e o processo do questionamento. Se valorizarmos demasiadamente a história da filosofia, correremos o risco de oferecer um ensino meramente descritivista, incapaz de cumprir sua função pedagógica. Por outro lado, se desvalorizarmos a história da filosofia, correremos o risco de a filosofia tornar-se mero diálogo, sem conteúdo e sem rigor filosófico. Precisamos, assim, saber dosar a história da filosofia e o filosofar, para que possamos caminhar no sentido de um ensino que viabilize aos alunos uma experiência filosófica.

Entendemos que uma visão do papel do professor de filosofia como mediador de uma experiência filosófica supera a visão enciclopédica da filosofia, em que “[...] a história da filosofia é estudada com base na linearidade, não havendo necessidade de demonstrar as contradições do movimento histórico em meio às quais ela foi produzida, sendo assim vista como um processo evolutivo natural, por meio do qual há o progresso científico” (MENDES, 2017, p. 85). Esse autor ajuda-nos a compreender as diversas perspectivas do entendimento das formas de ensino de filosofia. A dimensão enciclopédica faz parte do processo do conhecimento

filosófico, mas não podemos limitar-nos a ela, urge ir além do conhecimento teórico, impõe-se que busquemos também contextualizá-lo no cotidiano dos alunos.

Na perspectiva de Horn (2009), a filosofia pode nos auxiliar a aprofundar conhecimentos e contribuições para a criação de situações de respeito à dignidade da pessoa humana e melhores condições de existência para todos:

Se entendermos que a Filosofia oferece alguma contribuição para a superação da barbárie, da opressão, da dominação, da desumanização, esta contribuição está em seu compromisso de desvelar esta realidade opressora, em apontar seus limites e pilares, em colaborar para a formação, em sentido amplo, de uma nova cultura, nova educação, fazendo a crítica da economia e da política, problematizando a ética que as constitui, para repensar o processo de construção do conhecimento e da racionalidade que o sustenta (HORN, 2009, p. 49).

A filosofia pode contribuir para superar o analfabetismo político e o obscurantismo em que se encontra parte da sociedade contemporânea, que carece de formação e de condições para exercer o papel de um ser humano crítico e democrático. Essa mesma sociedade não dispõe da capacidade de analisar criticamente as propostas reais dos candidatos a determinados cargos políticos, e acaba votando em pessoas que não representam o bem comum, ou, ainda, que têm projetos que vão em direção contrária aos valores mínimos de uma sociedade democrática e plural. Da mesma forma, contribuem para a propagação das *Fake News* e pseudociência na medida em que não possuem as mesmas capacidades críticas para analisar e defender seus pontos de vista, bem como para ocupar o seu lugar na sociedade como cidadão participativo e crítico. Realizadas essas considerações, analisamos, a seguir, os dados empíricos da pesquisa.

### Dados empíricos e análises

A pesquisa foi de natureza qualitativa, sendo o investigador o instrumento principal desse processo. Consideramos que, em uma pesquisa qualitativa, “[...] os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 49). Além disso, no processo de pesquisa qualitativa, o método principal é o indutivo.

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e pela Plataforma Brasil, por meio do Parecer do CAEE número 60481016.7.0000.0105. Os participantes foram 208 professores, cujo contato se deu mediado pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná, a qual encaminhou e-mails contendo o



questionário para os responsáveis nos núcleos regionais de ensino da disciplina de filosofia. Os dados empíricos são resultantes de um questionário contendo dez questões, aplicado em 2017 aos professores. Neste artigo, analisaremos apenas uma das questões do questionário aplicado: Qual é o papel do professor de filosofia? As Tabelas de 1 a 5, a seguir, apresentam os dados de identificação dos participantes.

**Tabela 1 - Faixa etária dos professores de filosofia do Paraná – 2017**

Faixa etária	Participantes	Porcentagem
18 a 25 anos	19	9,1%
25 a 35 anos	61	29,3%
35 a 50 anos	92	44,2%
Mais de 50 anos	29	13,9%
Não responderam à questão	4	1,9%
<b>Total</b>	<b>208</b>	

Fonte: Os autores (2020)

**Tabela 2 - Sexo dos professores de filosofia do Paraná – 2017**

Sexo	Participantes	Porcentagem
Masculino	134	64,4%
Feminino	67	32,2%
Não responderam à questão	7	3,36%
<b>Total</b>	<b>208</b>	

Fonte: Os autores (2020)

**Tabela 3 - Tempo que trabalha como professor de filosofia**

Tempo	Participantes	Porcentagem
Menos de 5 anos	56	26,9%
5 a 10 anos	93	44,7%
11 a 15 anos	4	1,9%
15 a 20 anos	36	17,3%
21 a 25 anos	2	0,96%
Mais de 25 anos	9	4,3%
Não responderam à questão	8	3,8%
<b>Total</b>	<b>208</b>	

Fonte: Os autores (2020)

**Tabela 4 - Tipo de vínculo empregatício**

Vínculo	Participantes	Porcentagem
Rede Particular	22	10,5%
Concurado	120	57,6%
PSS (contratado)	53	25,4%
Não responderam	13	6,25%
<b>Total</b>	<b>208</b>	

Fonte: Os autores (2020)

**Tabela 5 - Área de concurso**

Área de concurso	Participantes	Porcentagem
Filosofia	128	61,5%
Ciências Humanas	18	8,6%
Outra formação	10	4,8%
Não é concursado	51	24,5%
Não respondeu	1	0,48%

Fonte: Os autores (2020)

Como processo metodológico, os dados foram organizados a partir de uma categorização realizada pelo *software Atlas Ti* e analisados com base na metodologia de análise de conteúdo de Bardin (2016). Partimos de três procedimentos: a pré-análise (em que realizamos uma primeira análise e organização dos dados); a exploração do material (em que nos servimos do *software Atlas Ti* para segmentar os dados); e, por fim, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Desse processo, identificamos quatro categorias sobre o papel do professor de filosofia: Categoria I - Criar conceitos; Categoria II - Estimular o senso crítico; Categoria III - Problematizar a existência; e Categoria IV - Propiciar uma experiência filosófica. A seguir, trazemos as evocações dos sujeitos em relação a cada uma das categorias, bem como algumas análises e discussões que emergiram a partir de cada uma delas.

### Resultados e discussões

As unidades de análise que deram origem à Categoria I relacionam o papel do professor com a função de criar conceitos, conforme evidenciam os exemplos de trechos das falas a seguir:

**Tabela 6 – Exemplos de falas relacionadas à categoria I**

Categoria	Sujeito	Evocações
I - Criar conceitos	P1	<i>Provocar, instigar, tirar do lugar comum e da zona de segurança. É a disciplina que permite olhar para todos os lados de um problema.</i>
	P21	<i>Conhecer e fazer conhecer os conceitos da tradição filosófica para com eles mostrar outras e melhores possibilidades aos estudantes no campo subjetivo, social, econômico e político.</i>
	P35	<i>Não ser um mero transmissor, mas ser um instigador do pensamento.</i>
	P45	<i>O professor de filosofia tem como papel colaborar para a desconstrução de conceitos e de levantamento de novos saberes mais úteis para os dilemas e problemas atuais.</i>

P101	<i>Levar o cidadão a se tornar um ser pensante, descobrir o mundo através da busca do conhecimento.</i>
P136	<i>O professor de filosofia tem o papel de mostrar aos alunos um outro modo de pensar, uma forma de criar conceitos e conhecimentos teóricos.</i>
P187	<i>Levar o cidadão a se tornar um ser pensante, descobrir o mundo através da busca do conhecimento.</i>

Fonte: Os autores (2020)

Nessa categoria, percebemos a compreensão do papel do professor de filosofia como alguém que propicia que a aula de filosofia seja um momento de criação conceitual. “O papel do professor de filosofia é visto como instigador do pensar” (P35) e “levar o cidadão a atuar como um ser pensante” (P187). Podemos destacar que as falas de P21, P45, P136 e de P187 vão ao encontro do que estudamos em Deleuze e Guattari (2010), ao afirmar que o papel do professor de filosofia é ir além da tradição, “tem o papel de mostrar aos alunos outro modo de pensar, uma forma de criar conceitos” (P136). Assim, essa primeira categoria aproxima-se da compreensão do papel do professor de filosofia como aquele que contribui para que propicie uma criação conceitual em seus alunos. Gabriel (2022) apresenta-nos o desafio de, já na formação inicial, as aulas de filosofia se constituírem como criação conceitual, de modo a superar o enciclopedismo, para que, ao chegar na sala de aula, os futuros professores já tenham vivenciado uma experiência filosófica que lhes permita mediar a criação conceitual em seus alunos.

Os dizeres de P1 direcionam-se para a compreensão que temos na atualidade sobre a questão do papel da filosofia de “*Provocar, instigar, tirar do lugar comum e da zona de segurança*”. Desde os filósofos pré-socráticos, percebemos a vocação da filosofia em provocar o pensamento e instaurar uma desestabilização da zona de conforto, de modo a possibilitar uma reflexão sobre o próprio sentido da vida. A fala de P1 de que “*É a disciplina que permite olhar para todos os lados de um problema*” e a de P45 de que “*O professor de filosofia tem como papel colaborar para a desconstrução de conceitos e de levantamento de novos saberes mais úteis para os dilemas e problemas atuais*”, enfatiza que o conceito de filosofia sempre remete a um problema filosófico, conforme destacado por Mostafa e Cruz (2009). Isto nos remete a pensar que embora a filosofia não se limite a ser uma ciência no sentido positivista, ela possui um rigor metodológico que permite a quem tem contato com ela poder problematizar questões de sua existência que, anteriormente, eram consideradas óbvias. Nesse sentido, amparamo-nos em Cerletti (2009, p. 52), que afirma: “O professor-filósofo poderia propor perspectivas de análise que tentassem desnaturalizar o que parece óbvio, permitindo, assim, construir olhares

problematizadores sobre a realidade.” Problematizar a realidade parece-nos ser uma “missão” do professor de filosofia (conforme podemos observar nas falas dos professores P1, P35, P45, P101, P136 e P187), a fim de cumprir a atividade do pensamento com seus alunos, com o intuito de procurar, de diversas formas, viabilizar uma reflexão sobre o porquê de muitas situações que aparentemente pareciam óbvias, ou como destaca Cerletti, a aula de filosofia como laboratório do pensamento e como uma experiência filosófica.

A partir da análise das falas dos professores aqui apresentadas, podemos destacar que o papel do professor de filosofia é o de criar conceitos ou de uma criação conceitual, assim como destacado por Deleuze e Guattari (2010), na medida em que esses professores apontam o ensino como não dogmático ou doutrinário, mas como possibilidade para a criação de novos conceitos para as suas ações ou paixões, ou o filósofo como “conceito em potência”.

As unidades de análise que deram origem à Categoria II relacionam o papel do professor com a função de estimular o senso crítico dos estudantes, conforme podemos observar nos excertos das falas que seguem:

**Tabela 7 – Exemplos de falas relacionadas à categoria II**

<i>Categoria</i>	<i>Sujeito</i>	<i>Evocações</i>
<b>I - Estimular o senso crítico</b>	P3	<i>Tem como papel ajudar o aluno a olhar o mundo com novos olhos com senso crítico.</i>
	P6	<i>Despertar o questionamento tentando formar um cidadão crítico e despertar os sonhos.</i>
	P9	<i>Desenvolver a criticidade no aluno, fazendo-o refletir sobre os temas, à luz de um novo conhecimento.</i>
	P10	<i>Formar cidadãos críticos, reflexivos que saibam pensar com autonomia.</i>
	P22	<i>Despertar a capacidade de argumentação e senso crítico, promovendo entre os alunos a formação de opinião crítica e reflexiva.</i>
	P40	<i>Creio que seja aquele que provoca, instiga o educando à busca pelo conhecimento de modo crítico, que seja aquele que causa ao aluno indagações, sobre si e sobre o mundo a sua volta, aquele que possibilita essa abertura de horizonte do saber ao aluno, em suma, o papel de desvelamento de um sujeito autônomo.</i>
	P181	<i>Ser um mediador para o pensamento crítico e a construção da alteridade.</i>
P185	<i>Estimular o estudante a pensar, refletir, questionar a si e o seu entorno de maneira crítica.</i>	

Fonte: Os autores (2020)

A análise das falas dos professores acima nos permite inferir que o papel da filosofia é estimular a criticidade nos alunos. Isso pode ser observado nas falas dos professores por meio dos significantes: “senso crítico” (P3 e P220, “cidadão crítico”, P6, P10, P40, P181 e P185),

“criticidade” (P9), “pensar com autonomia” ou “sujeito autônomo” (P10 e P40). A análise do papel do professor de filosofia como estimulador do senso crítico contribui para formação de cidadãos críticos e com condições de refletir e se posicionar sobre a dignidade da pessoa humana e melhores condições de existência para todos, bem como para “a superação da barbárie, da opressão, da dominação, da desumanização”, conforme destacado por Horn (2009), na medida em que se busca “colaborar para a formação, em sentido amplo, de uma nova cultura, nova educação, fazendo a crítica da economia e da política, problematizando a ética que as constitui, para repensar o processo de construção do conhecimento e da racionalidade que o sustenta” (HORN, 2009, p. 49), ou seja, como cidadão que ocupa o seu lugar no mundo como cidadão criativo e crítico, ou filósofo como conceito em potência, como destacam Deleuze e Guattari (2010).

Podemos trazer para esse debate, ainda, Heller (1983) que destaca que a recepção completa da filosofia nos leva a uma mudança no agir. Teoria e prática de vida devem, a partir de uma recepção, estarem unidas em uma mesma perspectiva, de forma a sensibilizar os alunos para um exercício da criticidade. Segundo Heller (1983, p. 29): “Toda construção filosófica, portanto, é expressão de uma fonte de vida que se torna vinculante para o seu criador no momento em que foi formulada como autêntico saber”. Assim, a filosofia potencializa o despertar do senso crítico nos estudantes. A aversão que muitos governantes têm em relação à filosofia refere-se, justamente, a essa situação, pois ela provoca o indivíduo a incomodar-se diante do óbvio.

O senso crítico auxilia a compreender a pluralidade de ideias existentes em uma determinada sociedade. É a partir da pluralidade de pensamento que se assenta a possibilidade de diálogo em uma sociedade democrática. Urge, dessa forma, lutarmos por uma sociedade democrática que supere toda espécie de etnocentrismo. Nessa perspectiva, a filosofia pode nos auxiliar, pois, como diz Obiols (2002), “aprender a filosofar ou aprender procedimentos e atitudes remete a atividades e disposições plurais que, para além de algumas básicas [...], multiplicam-se e desenvolvem-se em métodos e condutas filosóficos que em ocasiões não apenas se diferenciam, mas que se contrapõem [...]” (OBIOLS, 2002, p. 107).

As unidades de análise que deram origem à Categoria III relacionam o papel do professor com a função de problematizar a existência, conforme podemos observar nos exemplos de falas a seguir:

**Tabela 8** – Exemplos de falas relacionadas à categoria III

<i>Categoria</i>	<i>Sujeito</i>	<i>Evocações</i>
<b>III - Problematizar a existência</b>	P5	<i>Causar a dúvida e ajudar cada um a encontrar respostas.</i>
	P7	<i>O papel do professor é trabalhar em sala de aula com conteúdos da Filosofia, sobretudo, de modo a provocar no discente a habilidade de refletir sobre problemas do mundo da vida a partir dos filósofos clássicos.</i>
	P12	<i>O professor de filosofia tem dois papéis, o primeiro de mostrar aos alunos o pensamento dos autores ao longo da história e o papel de incentivar que os alunos reflitam sobre a realidade, para que compreendam a realidade que os cercam e sejam capazes de problematizá-la, buscando soluções para os problemas enfrentados.</i>
	P48	<i>Mediar junto aos adolescentes o exercício da análise crítica, reflexão, formulação/atualização de conceitos, busca da sabedoria, diálogo, e o contato com o saber acumulado pela história da filosofia.</i>
	P73	<i>Procurar junto ao educando meios de pensarmos e agirmos melhor no que se refere à forma de vida que construímos até aqui.</i>
	P75	<i>Possibilitar, por meio da reflexão crítica e coerente, o exercício do filosofar sobre questões essenciais para o educando, que envolvem sua vida.</i>
	P187	<i>Penso que além de transmitir a tradição filosófica, seja construir um espaço de criação de conceitos, ideias e debates, de problemas que se apresentam à existência.</i>

Fonte: Os autores (2020)

Nessa categoria, percebemos que o papel do professor é problematizar a existência, ou seja, mediar uma experiência filosófica que possibilite aos estudantes uma experiência do pensamento reflexivo (conforme apontado pelos professores P12, P48 e P75), que lhes ofereçam ferramentas capazes de levá-los a problematizar a existência, como destaca Gabriel (2022), conforme pode ser evidenciado pelas falas dos professores (P5, P12, P48, P75 e P187). Essa análise também nos permite pensar não no “como” o professor vai ensinar, mas no “para que” vai ensinar, conforme destacado por Cerletti (2009), pensando a aula de filosofia como laboratório do pensamento ou como uma experiência filosófica (conforme podemos observar em P7, P12, P48, P75 e P187) ou como destaca Gabriel (2022), para que os estudantes se apropriem de conceitos filosóficos para a sua existência (conforme apontam P5, P12 e P187). Essa questão também se tangencia com a ideia de filosofar, apresentada por Obiols (2002) como uma decisão subjetiva e que busca superar a dicotomia entre a história da filosofia e o filosofar (conforme destacam P7, P48, P73, P75 e P187). Pensar o papel do professor de filosofia como problematizar a existência também nos remete a Heller (1983) ao afirmar que “filosofia não é uma profissão: o ingresso no sistema filosófico é antes a elaboração da atitude orientada para o



pensamento metódico-racional, a partir do ângulo da unidade do Bem e do Verdadeiro, do dever-ser. O aluno não deve se tornar filósofo, mas se apropriar ativamente da filosofia”. (HELLER, 1983, p. 25). Esse apropriar-se ativamente da filosofia adentra o significante de valorar a própria existência, fundamentado nas contribuições dos filósofos. Trata-se de observar os problemas filosóficos e atualizar as propostas filosóficas adaptadas para seu cotidiano. Mendes (2017) auxilia-nos a refletir sobre a recepção completa da filosofia ao destacar a relevância de que há um grande desafio, qual seja: o de que o professor de filosofia contribua para aproximar os conteúdos filosóficos do cotidiano dos alunos. Ao professor cumpre a tarefa de mediar o processo de aprendizagem filosófica e assimilação vital dessa ciência.

A partir de Heller (1983), podemos inferir sobre a relevância de que a filosofia, de certa maneira, fale à existência dos nossos alunos e, assim, não seria tratada apenas como teoria, mas como práxis existencial. O grande desafio para a filosofia é ajudar os estudantes do Ensino Médio a problematizarem não apenas seu próprio projeto de vida, mas, sobretudo, orientá-los a concretizar seus objetivos de existência do ponto de vista concreto. Faz-se mister, então, pensarmos no próprio currículo do ponto de vista de quais conteúdos serão ensinados, no sentido de direcionar as aprendizagens de filosofia para um diálogo com o cotidiano de cada estudante. Em uma concepção de entendimento dessa experiência filosófica, é relevante que pensemos não tanto em quantidade de conteúdos a serem trabalhados nas aulas, mas na qualidade da apropriação dos conteúdos pelos alunos.

As unidades de análise que deram origem à Categoria IV relacionam o papel do professor com a função de propiciar uma experiência filosófica, conforme podemos evidenciar nos excertos das falas apresentadas a seguir:

**Tabela 9** – Exemplos de falas relacionadas à categoria IV

<i>Categoria</i>	<i>Sujeito</i>	<i>Evocações</i>
IV - Propiciar uma experiência filosófica	P2	<i>Acredito que o papel do professor de Filosofia é estimular o aluno a pensar sua realidade, contexto histórico em que vive para, a partir disso, possa vir as questões e, através delas, a busca por respostas. Ensinar Filosofia é o mesmo que despertar a curiosidade dos alunos, ensiná-los a refletir sobre determinados problemas concernentes a sua realidade.</i>
	P15	<i>Acredito que seja o de chamar os alunos à reflexão para que se façam autores de sua própria história; para que saibam defender suas ideias com conhecimento e respeito às demais; para que não apenas sejam números nos bancos escolares, mas pretendam filósofos a serviço de uma existência que os tire da inércia.</i>

P49	<i>Trabalhar os conhecimentos filosóficos enquanto crítica da realidade e contribuir para que o ser humano tenha consciência máxima de seus atos e de sua própria essência e existência.</i>
P169	<i>Seria encontrar uma forma de interagir com os alunos que fosse coerente com o filosofar, ao mesmo tempo que trabalhasse os conteúdos definidos para a área, além de questões adjacentes que costumam surgir como demanda.</i>
P196	<i>Levar o estudante a pensar por si próprio, tirando as diversas imposições que o mundo os coloca sobre o pensamento.</i>
P206	<i>Espalhar questionamentos e provocações vinculadas a saberes filosóficos para auxiliar os indivíduos a pensar.</i>

Fonte: Os autores (2020)

Os trechos das falas dos professores que compõem essa categoria aproximam-se do que entendemos como papel do professor: mediador de uma experiência filosófica (GABRIEL, 2022), e a aula de filosofia como um laboratório do pensamento, conforme apontado por Cerletti (2009) e que pode ser observado nas falas dos professores (P2, P15, P49, P196, P206). Por experiência filosófica, compreendemos uma espécie de ensino que não se limite a uma explicação teórica e abstrata, mas que leve o indivíduo a refletir sobre seu cotidiano (conforme pode ser observado nas falas dos professores P2, P15, P49 e P169). Nesse sentido, pressupomos que o professor, em uma aula voltada à experiência filosófica, já tenha tido uma experiência da vivência conceitual em sua existência para dispor de condições de também auxiliar seus alunos a vivenciarem tal situação. Gabriel (2022), a partir do referencial de Nietzsche e de Deleuze e Guattari, entende a importância de uma filosofia que provoque o pensamento, em vez de ser uma filosofia apenas para memorizar conceitos. Nessa perspectiva, apontamos a relevância de que, nas licenciaturas, se tenha uma compreensão da filosofia que vá além do ensino enciclopédico, para que os futuros professores possam também provocar uma experiência filosófica em seus alunos, o que dificilmente acontecerá caso eles mesmos, na licenciatura, tiverem tido apenas aulas não provocativas para o exercício do pensar.

Cerletti (2009) auxilia-nos a refletir sobre a relevância de uma busca constante de que o ensino de filosofia seja emancipador e possibilite aos jovens uma reflexão sobre o sentido da vida, de forma a desestabilizar aqueles que inicialmente aceitavam como óbvio os conhecimentos do senso comum.

Podemos entender que quem ensina filosofia recebeu, antecipadamente, no seu encontro com ela, tal conhecimento de maneira plena, como nos ensina Heller (1983). Uma recepção apenas formal da filosofia não possibilita uma experiência conceitual. Assim sendo, é preciso buscar uma recepção completa da filosofia, não apenas para nossa vivência por uma experiência filosófica, mas para contribuirmos para que nossos alunos também possam compartilhar sua

aventura ao desconhecido mundo do filosofar, levantando questões e questionamentos do cotidiano.

### Considerações finais

Neste artigo, tivemos como objetivo discutir e analisar as percepções sobre o papel do professor de filosofia. As análises das falas dos professores de filosofia do Ensino Médio do Paraná que participaram da pesquisa nos permitiram identificar quatro categorias que apontam no sentido de uma compreensão de que o papel do professor de filosofia ancora-se fundamentalmente em quatro funções: criar conceitos; estimular o senso crítico; problematizar a existência; e propiciar uma experiência filosófica. Além disso, os professores apontam que esse papel é desafiador, na medida em que eles são convidados a dar uma resposta não apenas teórica sobre o conteúdo a ser ensinado, mas também uma contribuição de provocar o existencial de seus estudantes. Criar conceitos, como nos ensinam Deleuze e Guattari (2010), implica um exercício importante da filosofia e de seu ensino, na medida em que se busca superar um ensino meramente enciclopédico.

O enciclopedismo em filosofia é uma preliminar importante para que o aluno filosofe, mas não pode ser a meta. A meta é possibilitar o que chamamos de experiência filosófica, que consiste em relacionar os conceitos da filosofia às questões do cotidiano. Heller (1983) muito nos ensina sobre um pensar por meio de uma recepção completa da filosofia, que envolve uma assimilação vital em relação ao pensar, ao viver e ao agir.

Nesse processo de assimilação, unindo o pensar, o viver e o agir, abre-se espaço para o desenvolvimento do senso crítico e para o desenvolvimento da prática do debate da argumentação, que são forças que contribuem para a superação do senso comum, para estimular o senso crítico; problematizar a existência; bem como para propiciar uma experiência filosófica. Apesar da oscilação da filosofia no currículo brasileiro, ela continua sua trajetória de oferecer os fundamentos para um entendimento sobre o viver em uma sociedade mais reflexiva e com melhores condições de vida para todos, sempre resguardando o respeito à dignidade da pessoa humana e melhores condições de existência. Além disso, ela também pode contribuir para a superação “da barbárie, da opressão, da dominação, da desumanização”, conforme apontado por Horn (2009), bem como para a formação de cidadãos criativos e críticos, que tenham condições de refletir e se posicionar não somente sobre si, mas também sobre o seu papel no mundo em que o rodeia.

Em futuros estudos, pretendemos investigar os elementos metodológicos a serem utilizados na aula de filosofia para possibilitar que os alunos vivenciem uma experiência filosófica, espaço de debate e exercício do espírito crítico, para que, assim, a filosofia manifeste sua especificidade em relação a outras disciplinas.

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- CERLETTI, A. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Tradução: Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.
- DIAS-SANTOS, A. R. As intermitências da filosofia no ensino básico: um quadro histórico-crítico. **Semiário de Visu**, Petrolina, v. 8, n. 2, p. 23-32, 2020.
- GABRIEL, Fábio Antônio. **O ensino de filosofia enquanto experiência filosófica**. São Paulo: Pimental Cultural, 2022.
- HELLER, A. **A filosofia radical**. Brasília: Brasiliense, 1983.
- HORN, G. B. **Ensinar filosofia: pressupostos teóricos e metodológicos**. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2009.
- MACHADO, R. **Deleuze e a filosofia**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- MENDES, A. A. P. **Didática e metodologia do ensino de filosofia no ensino médio**. Curitiba: Intersaberes, 2017.
- MOSTAFA, S.; CRUZ, D. V. da N. **Para ler a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari**. Campinas, SP: Alinea, 2009.
- OBIOLS, G. **Uma introdução ao ensino de Filosofia**. Ijuí, RS: Editora da Unijuí, 2002.

### ***CRedit Author Statement***

---

**Reconhecimentos:** Contamos com a colaboração do Prof. Dr. José Tadeu Teles Lunardi, que realizou o processamento dos dados. Agradecemos por sua valiosa contribuição.

**Financiamento:** CAPES e Fundação Araucária.

**Conflitos de interesse:** Não há conflitos de interesse.

**Aprovação ética:** Não aplicável.

**Disponibilidade de dados e material:** Sim, a descrição detalhada dos procedimentos dos dados está na tese de doutorado do primeiro autor (<https://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/2959/1/Fabio%20Antonio%20Gabriel.pdf>).

**Contribuições dos autores:** Fábio Antônio Gabriel: escrita das partes teóricas do artigo, formatação do artigo; e Ana Lúcia Pereira: escrita da parte empírica dos dados, revisão final do artigo.

---

**Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.**  
Revisão, formatação, normalização e tradução.

